

“Naquele tempo, 1 Jesus voltou a falar em parábolas aos sumos sacerdotes e aos anciãos do povo, 2 dizendo: ‘O Reino dos Céus é como a história do rei que preparou a festa de casamento do seu filho. 3 E mandou os seus empregados chamar os convidados para a festa, mas estes não quiseram vir. 4 O rei mandou outros empregados, dizendo: ‘Dizei aos convidados: já preparei o banquete, os bois e os animais cevados já foram abatidos e tudo está pronto. Vinde para a festa!’. 5 Mas os convidados o desprezaram: um foi para o seu campo, outro para os seus negócios, 6 outros agarraram os empregados, bateram neles e os mataram. 7 O rei ficou indignado e mandou suas tropas, para matar aqueles assassinos e incendiar a cidade deles. 8 Em seguida, o rei disse aos empregados: ‘A festa de casamento está pronta, mas os convidados não foram dignos dela. 9 Portanto, ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para a festa todos os que encontrardes’. 10 Então os empregados saíram pelos caminhos e reuniram todos os que encontraram, maus e bons. E a sala da festa ficou cheia de convidados. 11 Quando o rei entrou para ver os convidados observou ali um homem que não estava usando traje de festa 12 e perguntou-lhe: ‘Amigo, como entraste aqui sem o traje de festa?’. Mas o homem nada respondeu. 13 Então o rei disse aos que serviam: ‘Amarrai os pés e as mãos desse homem e jogai-o fora, na escuridão! Ali haverá choro e ranger de dentes’. 14 Porque muitos são chamados, e poucos são escolhidos’” (Mt 22, 1-14).

I - A proximidade do Reino de Deus

5 f h] [c g

Com divina singeleza narram os Evangelhos acontecimentos de incomparável transcendência, como a encarnação do Verbo, os incontáveis e estupendos milagres de Jesus, suas admiráveis pregações até sua dolorosa Paixão e Morte, seguidas da Ressurreição e Ascensão aos Céus.

Perante tais manifestações do sobrenatural, muitos eram os que compreendiam estar vivendo dias excepcionais. A geração que teve a ventura de conviver com o Divino Mestre e testemunhar fatos tão extraordinários, estava à espera de presenciar ainda algo de absolutamente incomum. A morte de Jesus não poderia representar o fim de tudo o que se passara então.

As grandes conversões após a descida do Espírito Santo, as pregações dos Apóstolos, os milagres operados por São Pedro invocando o nome de Jesus, alimentavam ainda mais essa expectativa. A Igreja nascente vivia assim num clima de proximidade da parusia, a ponto de São Paulo precisar corrigir o desvio dos tessalonicenses, que demonstravam uma culpável indiferença diante dos deveres da hora presente, sob pretexto de ser inútil seu cumprimento (cf. II Tes 2).

Passaram-se dois mil anos e a segunda vinda de Cristo, considerada iminente pelos primeiros cristãos, ainda não se realizou. Porém, essa viva esperança alentou-lhes a fé e o fervor, contribuindo para a sua perseverança nas árduas condições enfrentadas pela primitiva Igreja.

Embora não possa ser entendida num sentido meramente cronológico, a admoestação do Divino Mestre: “Fazei penitência, pois o Reino dos Céus está próximo” (Mt 4,17) e o conseqüente convite à conversão compõem o conteúdo central do Evangelho, conforme afirma o Papa Bento XVI: “O centro deste anúncio é a mensagem da proximidade do Reino de Deus. Este anúncio forma realmente o centro da palavra e do

&#+

ministério de Jesus”.1

II - O banquete de casamento e o traje de festa

“Naquele tempo, 1 Jesus voltou a falar em parábolas aos sumos sacerdotes e aos anciãos do povo, 2a dizendo...”.

A passagem de São Mateus proclamada neste domingo começa por frisar que Jesus voltou a falar “em parábolas”.

Parábola é um termo de origem grega (Παραβολή) que etimologicamente significa “pôr ao lado”. Ele indica um gênero literário no qual se põe ao lado da verdade uma imagem que a torna mais viva e perceptível. Ora, a esse recurso as parábolas bíblicas acrescentam um segundo elemento: a expressão enigmática do pensamento. Elas são “um véu que oculta a profundidade do mistério àqueles que não podem, ou não querem, penetrar nele inteiramente”.²

Cristo serviu-Se muitas vezes desse meio em seu ministério público. A doutrina da Boa Nova era muito exigente e cobrava a perfeição moral do homem. Como opunha-se com frequência aos princípios vigentes, muitas vezes incompletos ou deformados, caso Nosso Senhor a ensinasse usando linguagem direta, sem as almas estarem preparadas para ouvi-la, poderia provocar uma rejeição completa logo de início, prejudicando gravemente o êxito de sua pregação. Por isso, a propósito de fatos comuns, compreensíveis a todos, Ele sugeria reflexões e punha problemas de consciência por meio de analogias, convidando as pessoas de forma muito suave e pedagógica à mudança de mentalidade e de vida.

Nesta ocasião, o Divino Mestre dirige-Se aos sumos sacerdotes e anciãos do povo que, tendo ouvido a parábola dos vinhateiros assassinos, imediatamente anterior a esta, compreenderam ser deles que Jesus falava e, tomados de ódio, procuravam prendê-Lo (cf. Mt 21, 45-46).

Deus convida o gênero humano para a visão beatífica

2b “O Reino dos Céus é como a história do rei que preparou a festa de casamento do seu filho”.

(#+

5 f h] [c g

A exegese tradicional sempre interpretou a figura do rei como sendo o próprio Deus Pai, o qual comemora com um banquete a união do Filho com a humanidade, na pessoa de Cristo. Como bem sintetiza São Gregório Magno, “Deus Pai realizou as núpcias de Deus, seu Filho, quando O uniu à natureza humana no seio da Virgem, quando quis que Aquele que na eternidade era Deus, Se fizesse homem no tempo”.³

Dessas núpcias nasceu o povo eleito da Nova Aliança. Por elas, todo o gênero humano é convidado para a visão beatífica na vida futura, mistério de comunhão bem-aventurada com Deus que supera toda compreensão e toda imaginação.

3 “E mandou os seus empregados chamar os convidados para a festa, mas estes não quiseram vir”.

Para tão requintado banquete espiritual, Deus Pai manda convidar em primeiro lugar o povo eleito do Antigo Testamento, que deveria ter sua continuação no povo de Deus reunido no seio da Igreja Católica, plenitude da Sinagoga.

É interessante o comentário de Fillion sobre quem eram os “empregados” enviados pelo rei. Segundo o exegeta francês, esse convite foi feito “de acordo com o costume dos povos orientais que, independentemente do primeiro convite, não deixam de prevenir mais uma vez os convidados, pouco tempo antes do banquete. É assim que Deus, após ter convidado os judeus, pelos Profetas, a se prepararem para o Reino Messiânico, recordou-lhes por meio do Precursor, depois pelo próprio Jesus Cristo e por seus discípulos, que estava próximo o momento de ingressar na sala do festim”.⁴

)#+

5 f h] [c g

* #+

5 f h] [c g

+#+